

## LITERATURA INDÍGENA E A FORMAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA INTERCULTURAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Laura Juliana Neris Machado Barros <sup>1</sup>  
Carmem Vera Nunes Spotti <sup>2</sup>

### RESUMO

A educação intercultural é um caminho para a formação humana, baseada no reconhecimento e respeito à diversidade presente no contexto em que se está inserido e para além dele. Ela acontece no entrelaçar de saberes e na promoção de espaços de auto afirmação e garantia do direito de todos viverem a partir de suas raízes, ancestralidades, tendo suas memórias fortalecidas em prol da perpetuação de seus costumes e crenças. Nesse sentido, em diálogo com estudiosos como Antonio Candido (2011), Candau (2012), Jacques Le Goff (1990), Paul Ricoeur (1994 e 1997), foi desenvolvida uma pesquisa que teve como um de seus objetivos analisar a contribuição da literatura indígena para a formação da memória intercultural no contexto educativo em Roraima. Para tanto, realizou-se uma pesquisa-ação, desenvolvida por meio de oficinas literárias, que tiveram como público 25 alunos da turma do 2º ano do ensino fundamental anos iniciais, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima. Nas oficinas foram abordados cinco livros do escritor roraimense Cristino Wapichana: *A boca da noite*, *Ceuci*, *a mãe do pranto*, *A cor do dinheiro da vovó*, *Sapatos trocados – como o tatu ganhou suas grandes garras* e *O cão e o curumim*. Nelas foi possível perceber que as crianças demonstraram apreço e envolvimento com os livros. No caso dos livros de Cristino Wapichana, envolvidos pelas histórias ancestrais que coloriram a imaginação das crianças, ao relacionarem as vivências dos curumins protagonistas às suas próprias vivências, dado o contexto regional. Neste estudo, foi possível compreender que a literatura indígena, na perspectiva da educação intercultural, propicia a formação da memória coletiva intercultural e colabora com as reflexões sobre a literatura indígena contemporânea, frente a afirmação de uma educação intercultural, além de contribuir com a ampliação da visibilidade das culturas e identidades indígenas roraimenses.

**Palavras-chave:** Educação Intercultural, Cristino Wapichana, Roraima.

### INTRODUÇÃO

A valorização e o respeito à diversidade cultural perpassa pelo seu reconhecimento e, por isso, é necessário trabalhar com a abordagem das diferentes culturas que formam a cultura brasileira no âmbito educacional formal. A partir dessa perspectiva, tem-se na educação intercultural um caminho para a formação de cidadãos, que reconheçam e respeitem a diversidade presente no contexto em que estão inseridos, autoafirmando-se e garantindo o direito de todos viverem a partir de suas raízes, ancestralidades, tendo suas memórias fortalecidas em prol da perpetuação de seus costumes e crenças.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal de Roraima - UFRR, [laura.barros@ufrr.br](mailto:laura.barros@ufrr.br);

<sup>2</sup> Professora da Universidade Estadual de Roraima - UERR, [carmemspotti@bol.com.br](mailto:carmemspotti@bol.com.br).

Nesse ínterim, a literatura pode contribuir para a realização de uma educação intercultural, uma vez que ela é uma arte que envolve aqueles que têm a oportunidade de apreciá-la de forma profunda, permitindo o movimento do conhecimento de si e do mundo e, assim, como a memória e com a memória, retoma o passado no presente e liga, por meio de sua linguagem, escritores e leitores, narradores e ouvintes de modo a ressignificarem o que está ao seu redor e no seu interior.

Assim, surgiu o interesse de desenvolver um estudo sobre literatura e memória, com o objetivo de analisar a relevância da literatura indígena para a construção de uma memória coletiva intercultural no contexto educativo do ensino fundamental anos iniciais em Roraima, Brasil. Para tanto, realizou-se uma pesquisa com a abordagem qualitativa e a metodologia de pesquisa-ação, norteadas por uma revisão bibliográfica e precedida de análise documental e de conteúdo. Nela desenvolveu-se 7 (sete) oficinas literárias online, nas aulas de Língua Portuguesa, ocupando um horário de 60 minutos por semana. Foram utilizadas as técnicas de roda de conversa, observação, registro em áudio, diário e produção escrita.

Em decorrência do distanciamento social provocado pela pandemia do COVID-19, no qual o colégio em que foi desenvolvido esse trabalho estava em aulas remotas, o *Meet* (plataforma de videoconferências do Google) foi o meio para a realização das oficinas, na modalidade aula ao vivo.

Nas oficinas foram abordados os livros “A bocada da noite”, “Ceuci, a mãe do pranto”, “A cor do dinheiro da vovó”, “Sapatos trocados – como o tatu ganhou suas grandes garras” e “O cão e o curumim”, todos do escritor Cristino Wapichana.

A partir da abordagem dos conceitos de educação, interculturalidade, memória coletiva e literatura indígena e da realização de oficinas em que foram abordados livros do escritor Cristino Wapichana analisa-se como a literatura indígena pode contribuir para a formação de uma memória coletiva intercultural; avalia-se como os alunos não indígenas interagem com os livros de literatura indígena e reflete-se sobre a importância do acesso à literatura indígena nas escolas regulares. Ressalta-se que esse estudo oportuniza um olhar sobre a literatura indígena numa perspectiva peculiar, ao abordar a memória relacionada à interculturalidade. Também promove o conhecimento da literatura indígena roraimense e possibilita as reflexões e continuidade de estudos sobre ela e a memória coletiva intercultural, pensada para todas as realidades educativas.

## **1. MEMÓRIA, INTERCULTURALIDADE E LITERATURA**

Para fundamentar o trabalho desenvolvido foi realizada uma revisão bibliográfica na qual dialogou-se com diferentes estudiosos, de modo a fortalecer a caminhada sentido ao alcance do objetivo almejado. Desse modo, em consonância com Freire (1996), temos que a educação é uma forma de intervenção no mundo, então qualquer ação educativa pressupõe consequências e essas serão determinadas pela intencionalidade de quem se coloca no papel de educar.

Nesse sentido, temos a importância do reconhecimento e valorização da interculturalidade, compreendida, segundo Candau (2013, p.22) como “[...] promoção deliberada da inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes em uma determinada sociedade”. Interculturalidade essa que pode ser promovida no acesso às diferentes linguagens artísticas, como a literatura, em especial a literatura indígena que, em diálogo com Thiél (2018, p. 1.178), afirma-se enquanto aquela “[...] realizada pelos próprios índios segundo as modalidades discursivas que lhes são peculiares”.

Essa autoria e seu reconhecimento é fundamental para a construção de memórias coletivas interculturais, ou seja, aquelas que rompem com a história unilateral fomentada em séculos de negação e marginalização da diversidade cultural brasileira. Assim, de acordo com Goff (1990, p. 410), temos que: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva [...]. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder.”

Desse modo, sendo a escola um dos principais espaços de socialização e formação dos indivíduos é também ela uma das responsáveis pela construção da memória coletiva que fomenta e é fomentada pela memória individual. Assim, deve buscar caminhos para a construção de memórias coletivas interculturais, na garantia da formação humana cidadã. Um desses caminhos pode ser a literatura, um bem essencial.

## **2. CONTEXTUALIZAÇÃO E CAMINHO PERCORRIDO**

Roraima é o estado que possui a maior quantidade de indígenas em proporção, tendo 46% das suas terras demarcadas enquanto Terras Indígenas (TI). De acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, pouco mais de 11% da população roraimense declarava-se indígena (SILVA, 2019).

Nesse contexto, encontramos a literatura indígena, sobre a qual o escritor roraimense Cristino Wapichana (2018, p. 78) afirma: “A importância para a sociedade brasileira é que, com essas literaturas, se conhece essa diversidade, e quem sabe a partir daí começam a ter um outro olhar, que as sociedades indígenas são um povo, uma nação indígena”. Dessa maneira, a literatura seria um dos caminhos que se acredita proporcionar a conquista de uma educação intercultural, na qual haja o respeito e valorização da diversidade cultural.

Nesse contexto surgiu o problema que fomentou esse trabalho: qual a relevância da literatura indígena na formação de uma memória coletiva intercultural no contexto educativo dos anos iniciais do ensino fundamental em Roraima/Brasil? Trata-se de, além do reconhecimento e valorização de uma arte estética e culturalmente rica, refletir a potencialidade desse bem incompressível como um dos possíveis caminhos para a promoção de uma educação intercultural e, assim, a perpetuação de memórias coletivas que, na retomada do passado ao presente, não sejam unilaterais, mas sim carregadas de diversidade. Vale lembrar que em um país como o Brasil e um estado como Roraima a multiculturalidade e multiétnica estão muito presentes no fazer pedagógico nas salas de aula.

Para tanto, nesse escrito, serão abordados alguns dos dados levantados nas sete oficinas literárias realizadas de modo online, em que foram apreciados os livros de literatura do Cristino Wapichana, sobre os quais se realizou diálogos com vinte e cinco alunos (identificados com nomes fantasia), do segundo ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima, situado na cidade de Boa Vista-RR.

Os 25 discentes envolvidos nesse estudo vinham de um trabalho de letramento literário desenvolvido pelas professoras que os acompanharam no primeiro ano. Esse perfil fez com que, mesmo diante das limitações que a pandemia impôs, fosse possível a comunicação apenas de modo online de forma que as oficinas ocorreram de maneira fluida. A leitura dos livros, sempre precedida de inferências e sucedida de diálogos sobre as impressões das crianças, foram possíveis por meio da ferramenta *Meet*, que fornece videochamadas oferecendo recursos como o compartilhamento de tela, que facilitou a visualização das ilustrações e foi importantíssima na construção do texto coletivo.

As oficinas ocorreram entre os meses de novembro de 2020 a janeiro de 2021, com a aprovação do Conselho de Ética da UERR (parecer de número 4.414.704) e com o consentimento e assentimento dos pais e alunos.

Em cinco das sete oficinas abordou-se, em cada uma, um dos livros citados anteriormente. A primeira oficina foi diagnóstica, no sentido de levantar dados sobre as experiências literárias dos discentes com a literatura indígena e se elas haviam ficado impressas em suas memórias e de que forma. E na última oficina, com o objetivo de levantar dados que permitissem analisar como as crianças reconfiguraram os indígenas através das leituras, realizou-se a produção coletiva de uma história indígena (escrita e ilustração).

Dado o exposto, a partir da fundamentação teórica e documental, as oficinas literárias foram realizadas, adaptadas ao cenário pandêmico, no estilo remoto e se mostraram um caminho promissor para a realização da mediação literária, da interculturalidade e o alcance do almejado nesse trabalho.

### **3. LITERATURA E O CONHECIMENTO DO OUTRO**

Num estado que tem proporcionalmente a maior população indígena do país, perguntar a 25 crianças se elas conhecem, convivem ou já viram algum indígena e a maioria responder “não” e “nunca vi”, pode levar a diferentes hipóteses: a de uma venda que existe por uma total falta de convivência, ou a internalização de uma imagem estereotipada dos indígenas que não permite reconhecê-los para além de um lugar, roupas e costumes unificados.

Na primeira oficina, as poucas crianças que afirmaram conhecer indígenas o fizeram, por uma convivência mais próxima e contínua, na relação com um familiar ou vizinhos, ou numa proximidade intermediada por seus responsáveis, e no caso de uma discente, numa experiência pontual que não permite um conhecimento para além da situação da precarização visualizada, quando se deparou com um grupo de indígenas pedintes.

Quando perguntado às crianças o que eles sabiam sobre os indígenas, a maioria disse não ter conhecimento sobre, e os que manifestaram que sabiam, disseram:

– Bem, os indígenas, eles são uma tribo que eles, tipo, eles moram numa selva, aí eles todos os dias têm que sair para caçar levar uma lança, arco e flecha. Aí eles ficam, tipo um short de folhas, tipo pano. Aí eles têm que sobreviver, aí todos são negros, porque aí se todos fossem tipo das nossas cores iriam ficar estranho. Aí eles são negros, aí eles usam tipo uma faixa aqui [apontou para a cabeça] (ALADIM).

- Eles gostam mais, assim, de ar puro, não de mais casas tradicionais, gostam mais de palha, mas eles já estão construindo casas de tijolos, mas eles gostam mais de ar fresco, com animais perto deles, árvores ao ar puro (GERALDINO).
- Eu gosto muito deles, mas assim, eu não sei muitas coisas sobre eles. Eu sei que, eu já vi alguns vídeos, eles gostam tipo assim, na TV Cultura, eles gostam de caçar as coisas para proteger a floresta. As vezes das coisas mais eles querem proteger. Eles caçam para sobreviver, por isso que eles caçam (NARIZINHO).
- Eles amassam o carvão para desenhar nas paredes. Aprendi assistindo vídeo (SACI).
- Eles constroem casa com galho, madeira, bambu, lama e grama seca grande. E fazem tijolo para fazer a casa (PETER PAN).
- Eu sei que eles, os indígenas, usam pau, coisas tipo linha para fazer brinquedos (EMÍLIA).
- Pedro: Eles caçam e pescam (TININIM).

Essas falas apresentam um pouco do que foi perpetuado pela memória coletiva e histórica (documental), voltada às comunidades indígenas tradicionais, ou que mantém uma rotina e práticas que se pode denominar mais tradicional, o que ignora a diversidade dos povos indígenas e as mudanças pelas quais passaram ao longo dos anos.

Estas indicações dos alunos são as veiculadas em filmes, livros (inclusive muitos didáticos) e tratam de uma imagem estereotipada que faz com que a interculturalidade seja também estereotipada na memória coletiva trazida por estes veículos e que não condizem com a realidade.

Há os indígenas que moram em comunidades que não são área de floresta e os da cidade, a exemplo dos de Boa Vista/RR. Apenas Geraldinho falou da mudança referente ao tipo de moradia. Na roda de conversa, esse foi um momento importante de problematização e desconstrução de estereótipos, o que teve reflexos nas demais oficinas.

O conflito fica nítido, também, quando questionado as crianças se elas já tinham lido ou ouvido a leitura de algum livro de literatura indígena e a maioria respondeu que não ou que não se lembrava. No entanto, quando mostrou o livro “A boca da noite”, a maioria disse que a professora do 1º primeiro ano já havia lido em uma aula. Quando, junto a esse livro, foram mostrados mais quatro e pediu-se que eles escolhessem qual gostariam que fosse lido primeiro, a maioria escolheu “A boca da noite”, justificando que haviam gostado muito da história.

A partir desse momento, eles começaram a trazer informações que ficaram em suas memórias sobre os indígenas em Roraima e sobre outros livros de literatura indígena que tiveram contato, algo constante em cada oficina. Chegando ao ponto de um dos alunos que disse não conhecer nenhum indígena ter a seguinte fala na segunda oficina: “Professora, só pra lembrar, só pra lembrar, o Cristino Wapichana, ele, parece meu avô [...]” (Aladim).

Timidamente o aluno revelou algo já sabido pela pesquisadora/mediadora, o fato que seu avô paterno é indígena. Ainda na primeira oficina antes de apresentar os cinco livros do autor que seriam abordados, a pesquisadora/mediadora apresentou uma foto do escritor e sem dizer seu nome ou qualquer informação sobre ele, perguntou: “qual profissão vocês acreditam que esse homem tem?”. Essa pergunta levou às seguintes respostas: artista, pintor, estrela de cinema, professor, artesão, o presidente da China, trabalhador do Japão.

Ao identificar quem era o homem retratado na imagem mostrada, a pesquisadora/mediadora falou do reconhecimento que ele tem enquanto escritor. Ressaltou que o livro escolhido pelas crianças recebeu prêmios importantes e ainda chamou atenção para o fato que o Cristino Wapichana afirma a sua identidade indígena onde for. É de suma importância que, ao terem contato com o material escrito, os alunos reconheçam quem é o seu autor, sua origem de forma a perceberem que escrever não é algo tão distante deles e que, se tiverem interesse, também o poderão fazer.

A pesquisadora/mediadora discorreu ainda sobre o fato que, muito havia sido assimilado pelos indígenas das diferentes culturas que tiveram contato ao longo dos anos e que muitos são aqueles que saíram de suas comunidades, assim como o Cristino Wapichana, mas não perderam os vínculos, nem deixaram de ser indígenas por morar na cidade e passar por experiências diferentes das tradições de seu povo. Nesse momento, Aladim expressou a fala apresentada anteriormente.

Nesses diálogos foram retomadas as falas em que os discentes apresentaram o que sabiam sobre as comunidades indígenas e o que era apresentado no livro. A pesquisadora/mediadora enfatizou que para os indígenas, como afirmado por Spotti (2011, p.50) “o ato de contar histórias se constitui numa forma de comunicação ancestral que possibilita a preservação das tradições”.

Ficou nítido que algumas características descritas pelos alunos sobre as culturas indígenas estavam presentes em alguns desses escritos e essa foi uma oportunidade para falar sobre as comunidades tradicionais, mudanças e permanências, afirmando que o livro retrata um tempo antigo quando pensadas as vivências e organização dos wapichanas atualmente.

Esses diálogos pareceram deixar Aladim mais confortável para afirmar a etnia do seu avô. E para que os alunos rememorassem e apresentassem um pouco do que haviam aprendido a partir das mediações feitas no 1º ano. Vale salientar que, durante muito tempo, na época de colonização, foi negado ao indígena o direito de falar e de expressar

sua cultura sob pena de ser castigado. Isso criou uma memória do negacionismo cultural e somente há uns anos com as novas políticas que retomam os direitos à cultura indígena, a exemplo da Lei nº 11.645/08, vem ocorrendo um movimento de reposicionamento da cultura indígena no panorama nacional.

Assim, as experiências das primeiras oficinas deixaram evidente que as vivências que os discentes tiveram os marcaram e ratificaram a importância do trabalho intercultural ser contínuo, pois o que foi aprendido precisa ser potencializado ao longo da formação para não dar espaço a consolidação de informações e conhecimentos massificados que geram esquecimentos e consequentemente invisibilidades.

O encantamento das crianças com cada livro era nítido na atenção à leitura e às ilustrações que demonstraram. Um forte elemento de ligação delas com as obras foram os personagens principais, pois eles têm idades semelhantes às dos discentes, mas vivem experiências distintas às deles. Essas diversidades nas vivências possibilitam conhecer como vivem os diferentes povos e o estranhamento e a aceitação do outro.

Vê-se que as crianças receberam bem o novo apresentado em cada livro, que foge às características dos contos de fada e trazem personagens que enfrentam os desafios comuns do seu cotidiano. Foi perceptível a atualização que elas fizeram do texto a partir das vivências imaginativas, relacionando os contextos, conhecimentos e acontecimentos vivenciados pelos personagens com as suas experiências.

Os livros “A boca da noite”, “O cão e o curumim”, “Ceuci, a mãe do pranto” “Sapatos trocados – como o tatu ganhou suas grandes garras”, são histórias contextualizadas num tempo antigo e abordam vivências de comunidades tradicionais que não haviam passado pela assimilação das culturas europeias, o que, sem uma mediação, ou o conhecimento prévio sobre a diversidade cultural dos povos indígenas e as mudanças pelas quais muitos passaram, pode reforçar uma memória coletiva que não condiz com a realidade diversa vigente.

Mesmo tratando-se de textos literários, o fato que, como afirma Ricouer (1994) a leitura ficcionaliza a História, assim como historiciza a ficção faz com que, ao serem mediados dentro da perspectiva da promoção da educação intercultural, proporcione-se a concretização e atualização do texto a partir das vivências imaginativas e da ruptura das distâncias culturais, através do diálogo.

Já o livro “A cor do dinheiro vovó”, ao apresentar uma história que se passa num passado próximo e apresenta o personagem Pimydy, que narra os momentos que passou



com a avó e as histórias que ela lhe contou sobre a sua infância, deixa nítidas muitas das assimilações culturais feitas pelos wapichanas com a chegada dos estrangeiros.

No diálogo sobre esse escrito, apareceu na fala das crianças a relação de passado e futuro, em que elas conseguiram diferenciar o tempo em que se passa cada história e que as vivências dos personagens são distintas demonstrando que mudanças aconteceram. Principalmente as mudanças que o dinheiro trouxe nas relações e vivências da comunidade wapichana com a chegada da cultura europeia capitalista. É importante essa percepção temporal do aluno porque ocorre a marcação e a contextualização histórica e social de um determinado povo por meio da literatura.

A partir dessas experiências pode-se afirmar que a literatura indígena, permite o encontro com o outro. Um encontro cheio de beleza e encantamento. No envolvimento das crianças pela história de personagens que apresentam outro universo infantil, num tempo distante, mas que não impede, por meio de suas imaginações uma aproximação e o que se pode chamar de um convívio literário. Nesse convívio, a mediação fez-se importantíssima dentro da perspectiva de uma educação intercultural e no alcance das habilidades necessárias às crianças, na faixa etária em que se encontram.

Desse modo, por meio das oficinas acredita-se ter promovido aos discentes, o reconhecimento e valorização dos textos literários indígenas em sua diversidade cultural e como patrimônio artístico da humanidade, também a compreensão da narrativa de cada livro com a ajuda dos colegas e da pesquisadora/mediadora, através dos diálogos realizados sobre cada obra. Além disso, potencializou-se a compreensão das diferentes realidades vivenciadas pelos alunos e os personagens do livro, além da relação entre o texto escrito e as ilustrações.

Na última oficina a pesquisadora/mediadora desafiou as crianças a produzirem uma história com a temática indígena, cujos personagens principais fossem indígenas. Mas que eles teriam liberdade para escolher o tempo, espaço, conflito e todos os elementos fundamentais da narrativa. A pesquisadora/mediadora atuou de modo a registrar a história, intervindo apenas na orientação dos discentes na manutenção da coerência do texto. Nesse momento os grupos em que foram divididos, tiveram de exercitar as funções de percepção (saber ouvir e ler) e de produção (saber falar e escrever), de forma a trabalhar o poder argumentativo.

A partir disso, foi produzida a história apresentada a seguir:

Daniel e Juliana: uma aventura no passado

Daniel e Juliana estavam numa floresta e encontraram uma máquina do tempo. Eles ficaram curiosos para saber como viviam os seus antepassados, por isso, viajaram ao passado e chegaram em um tempo em que estava acontecendo uma guerra por terras.

Enquanto eles caminhavam pela floresta um pássaro os acompanhava.

Daniel e Juliana ficaram com medo e confusos, pois não encontravam seus pais e só depois eles entenderam o que estava acontecendo: seus pais ainda não tinham nascido.

Eles encontraram o bisavô ainda jovem, que não fazia ideia de quem eles eram.

Os curumins yanomamis, que viajaram no tempo, conheciam a história de seu povo, pois foi contada de geração para geração. Assim, quando ouviram o nome do jovem, souberam de imediato que se tratava do seu bisavô e logo entenderam que a guerra que estava acontecendo era para os yanomamis defenderem as suas terras da invasão dos portugueses.

Por conhecerem o passado, Daniel e Juliana sabiam onde estavam escondidos instrumentos que poderiam ajudar seu povo naquela guerra. Mas só poderiam pegá-los quem tivesse coração puro.

Então, foram sozinhos atrás deles e encontraram uma casa abandonada no meio da floresta, onde vivia um pajé que tinha a forma de pássaro com muitas cores e era o protetor dos instrumentos mágicos: um escudo, um arco e uma flecha.

O pajé voltou a forma humana e conversou com as crianças e disse que, se eles não usassem os instrumentos corretamente, ficariam presos no passado para sempre.

Como tinham os corações puros, o pajé permitiu que eles pegassem os instrumentos para ajudar seu povo.

Após pegar os instrumentos as crianças os entregaram ao bisavô.

O bisavô tinha uma tia que sabia os poderes de cada um dos instrumentos mágicos e contou para ele e para as crianças: o escudo tem poder de deixar o tempo lento e o arco e a flecha têm poder de atingir várias pessoas ao mesmo tempo e transformá-las em pássaros.

Com os instrumentos mágicos os yanomamis venceram a guerra.

Depois disso, Daniel e Juliana, conversando com outras crianças, descobriram que elas estavam presas ao passado, pois também tinham viajado no tempo, mas não sabiam como voltar. Então o pajé disse que os instrumentos mágicos também tinham o poder de fazê-los viajar no tempo. Assim, com a promessa de contar a história do povo Yanomami de geração para geração, eles voltaram ao presente.

(Alunos do 2º ano do CAp, 2021)

Os personagens principais têm nomes que são comuns às crianças: Daniel e Juliana, curumins que nas ilustrações feitas pelos alunos, aparecem de modo que rompe com a ideia de indígenas que algumas crianças apresentaram na primeira oficina, como observa-se nas imagens abaixo em que ilustraram partes da história:



Figura 1 - Vera



Figura 2 - Pocahontas

Analisa-se que texto e ilustração apresentam elementos da construção de uma memória individual intercultural, uma vez que, a visão estereotipada dos indígenas como aqueles que vivem apenas em casas de palha e usam folhas para se vestir, deram lugar a curumins com fenótipos distintos em suas vestimentas e cabelos. Ao mesmo tempo demonstram o que as crianças apreenderam da história de lutas, das tradições e costumes desses povos, ao escolherem o contexto da floresta, lugar de ligação com a natureza, mas também lugar de mudanças, ao inserirem uma máquina do tempo nesse espaço e ser esse instrumento tecnológico futurista também um caminho para o encontro com os anciãos e um poderoso pajé que em um olhar mítico, transforma-se em pássaro.

Ao analisar as figuras 1 e 2, chama-se atenção para a forma como as crianças configuraram os viajantes do tempo. No desenho de Vera (figura 1) fica nítida a compreensão das assimilações culturais pelas quais muitos povos indígenas passaram, pois ela representa o bisavô com trajes tradicionais, enquanto os bisnetos, vindos do futuro, usam vestimentas comuns às suas e das crianças de seu convívio.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, pode-se vislumbrar um caminho para o alcance de uma educação intercultural no fomento de uma memória coletiva intercultural por meio da literatura indígena. A análise de como a literatura indígena pode contribuir para a formação de uma memória coletiva intercultural deu-se a partir das oficinas literárias. Nelas ficou evidente o quanto as crianças se envolvem pela novidade dos livros de literatura indígena. No caso dos livros de Cristino Wapichana, uma novidade que coloriu a imaginação das crianças, ao relacionarem as vivências dos curumins protagonistas às suas próprias vivências.

A partir das oficinas também pode-se refletir sobre a importância do acesso à literatura indígena nas escolas regulares de Ensino Fundamental Anos Iniciais na ação de ensinar e aprender. Como dito por Krenak (apud MILLAN; FURLAN, 2019), a memória é um exercício, uma semente que deve ser regada no dia a dia. Nesse sentido, promover o acesso à literatura indígena, a sua mediação dentro e fora das salas de aula, é regar essa semente.

Desse modo, por meio desse trabalho, afirma-se a relevância da literatura indígena para a construção de uma memória coletiva intercultural em Roraima, ao oportunizar o encontro com o outro e ser um caminho para desconstruir estereótipos e dar visibilidade

à diversidade pulsante no estado. Portanto, tem-se nesse bem incompressível uma fonte rica na efetivação da Educação Intercultural.

## REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. MOREIRA, Antônio Flávio e CANDAU, Vera Maria (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 22.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990, p. 410.

IBGE. **Cidades e Estados**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rr.html>>. No dia 26 de setembro de 2020.

MILLAN, Camilla e FURLAN, Seham. **De qual humanidade você é?** Revista Esquinas. Edição: 63, 2019. Disponível em: <<https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/>>. No dia 18 de fevereiro de 2019.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (Tomo 1). Campinas, SP: Papirus, 1994.

SILVA, Nayara Cristhina dos Santos. CONHECER A HISTÓRIA E O MODO DE VIDA DOS POVOS INDÍGENAS DE RORAIMA: ETNIAS MACUXI E WAPICHANA. In: **Revista Eletrônica Casa de Makunaima - ISSN 2595-5888** Edição 3 / Vol. 2 - Nº 3 / Jan./Jun. 2019.

SPOTTI, Carmem Véra Nunes. **Análise da personificação e dos elementos ambientais presentes nas narrativas orais da comunidade indígena Nova Esperança – RR**. Boa Vista, UFRR, 2011.

THIÉL, Janice Cristine. **A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural**. In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)>. No dia: 5 de agosto de 2018, p. 1178.

WAPICHANA, Cristino. Por que escrevo? – relato de um escritor indígena. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Editora Fi, Porto Alegre, 2018.